

**Eixo N° 6:** Ato analítico e interpretação no início, perturbar a defesa, ainda?

## **Perturbar o século XXI**

**Coordenadores:** Dolores Amden (EOL) / Guido Coll (EOL)

**Integrantes:** Josefina Elías (Córdoba), Ennia Favret (Buenos Aires), Marisol Fullana (Catamarca), Lilian Giubetich (Mendoza), Romina Marino (Buenos Aires), Aníbal Mendiburo (Santa Fe), Javier Mondada (Salta), Débora Nitzcaner (Buenos Aires), Leticia Puerto (Buenos Aires), María Luz Quenardelle (Córdoba), Ana Said (Buenos Aires), Alejandra Sosa Escalada (Rosario), Francisco Suárez (San Juan), Alejandro Willington (Córdoba), Belén Zubillaga (La Plata).

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe;  
mas vem em seguida outra, em que  
se ensina o que não se sabe: isso se chama  
pesquisar”.

*Roland Barthes<sup>1</sup>*

### **1- O início ainda**

Três conceitos – *ato, interpretação e defesa (com sua perturbação)* – e dois conectores, que situam a perspectiva do tempo, – *início e ainda* – compõem o inventário significativo do eixo que este ENAPOL nos propõe investigar. Desse ponto, partimos para situar as coordenadas de um programa de investigação orientado, por um lado, a circunscrever os conceitos ao espaço do início de uma análise e, por outro, a forçar até o final a pergunta pelo ainda.

Assim, as questões que orientaram e atravessam a investigação situam-se neste interstício: entre a articulação do conceito no início e a pergunta por sua operatividade em nossa época, ainda.

---

<sup>1</sup> Barthes, R. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix. 1979, p.47.

Em tempos de forclusão generalizada, “como pôr o cavalo na roda para fazê-lo girar no carrossel?”<sup>2</sup> De que maneira *domesticar* a transferência e propiciar esse laço libidinal? Como, em tempos de Inteligência Artificial e de Chat GPT4, precipitar o sujeito suposto saber? Como alojar um dizer que tenha efeitos em um momento no qual as demandas são mais do tipo *o que fazer, como fazer, agora!* do que *o que quer dizer isso que acontece comigo?* De que forma fazer passar ao século XXI, marcado pela homogeneização do sofrimento e pelas receitas algorítmicas, uma prática que se sustenta na singularidade absoluta?

Talvez a pergunta fundamental seja e, siga sendo, a mesma de Freud: como procurar a cada vez a chave, a manobra, o “...qual é sua própria parte na desordem de que você se queixa”<sup>3</sup> que acerte no alvo, para permitir entrar pela porta e que a análise seja um umbral para que haja uma verdadeira demanda<sup>4</sup>.

Sabe-se que partimos da localização subjetiva, dado que, embora tenhamos o *Há Um*, não contamos antecipadamente com o *há sujeito*, isso se produz a partir de cada sessão. Assim como o inconsciente, essa é uma hipótese que, como tal, deve ser corroborada a cada vez.

## 2- Ato e interpretação

Lacan dedica seu *Seminário 15* a examinar o *ato analítico*, logo depois de escrever o texto institucional por excelência, onde formaliza os pontos extremos de uma cura<sup>5</sup>. O que dizer sobre o ato no início de uma análise? Não é sem ele, respondemos, pela perspectiva ética na qual “sentimos o ato psicanalítico ceder ao romper a captação no universal [...]”<sup>6</sup>. Por sua vez, seu “abrupto lógico”<sup>7</sup> opera uma mutação subjetiva autêntica, aquela que se procura desde o início.

Lacan, nesse seminário, recorre a uma ferramenta matemática, o Grupo de Klein, cujas propriedades matemáticas o entusiasmaram. Esse esquema *se sustenta inteiramente na categoria do ato* e se desprende dele um uso clínico para *localizar o trajeto de uma análise*. Se

---

<sup>2</sup> Lacan, J. *O seminário*, livro 10: *A angústia*. (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.140. Lição de 23/01/1963.

<sup>3</sup> Lacan, J. Intervenção sobre a transferência. (1951). In: \_\_\_*Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998, pg. 218.

<sup>4</sup> Lacan, J. Conferencias en las universidades norteamericanas (1975) (2da.parte), *Revista Lacaniana*, Nº21, 2016, p. 9. Tradução livre.

<sup>5</sup> Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: \_\_\_*Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012.

<sup>6</sup> Lacan, J. O ato psicanalítico. Resumo do Seminário do 1967-1968. (1969). In:\_\_\_*Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012, p. 375.

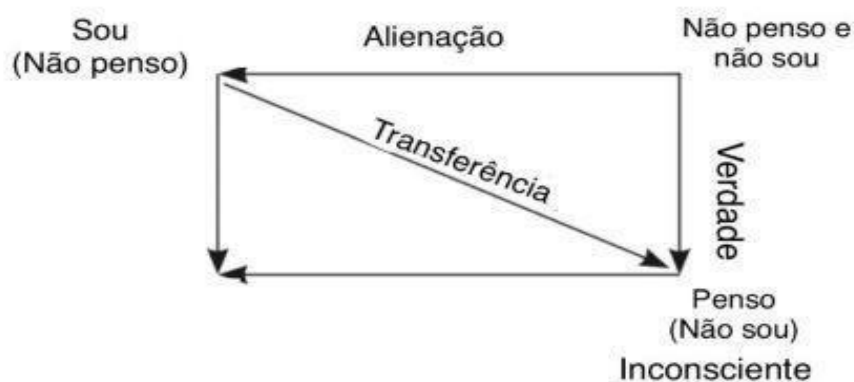
<sup>7</sup> *Ibidem*, pg. 376.

pensarmos o ato analítico como o trajeto de um tratamento<sup>8</sup>, então o ato pode estar no início, como também no final, na passagem de analisante à analista.

Fiel ao seu estilo, Lacan modifica o retângulo transformando-o em um esquema não involutivo que nos serve para pensar que o percurso de uma análise implica uma não volta ao estado anterior. A perspectiva do ato supõe que a análise transforma a indeterminação do sujeito. “O ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito. Andar só é ato desde que não diga apenas “anda-se”, ou mesmo “andemos”, mas faça com que “cheguei” se verifique nele”<sup>9</sup>.

O percurso deste grafo *parte da negação do cogito cartesiano*: “ou não penso, ou não sou” até o “eu não penso”, através da alienação. Não se trata aqui de uma alienação ao significante como no *Seminário 11*, mas de uma alienação que implica uma rejeição ao inconsciente: “sou onde não penso” como um falso ser, muito de acordo com os tempos atuais.

Pela via da instalação da transferência, obtemos no vértice inferior o “penso onde não sou”, definição *princeps* do inconsciente. É ali que Lacan localizará a abertura ao inconsciente logo que a transferência como ato tenha operado.



Esse primeiro trecho do Esquema nos dá pistas do início de uma análise sustentado pelo ato analítico. “Assim isolado desse momento de instalação, o ato fica ao alcance de cada entrada numa psicanálise”<sup>10</sup>, no espaço das necessárias entrevistas preliminares.

Por sua vez, a temporalidade do ato é a do instante: momento de atravessamento, um chamado ao analista, uma primeira entrevista na qual ocorra algo sem retorno para quem consulta. A partir desse momento, a intervenção propriamente analítica aponta como horizonte operar

<sup>8</sup> Brodsky, G. *Short Story, os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2004, pg 77.

<sup>9</sup> Lacan, J. O ato psicanalítico. Resumo do Seminário do 1967-1968. (1969), op. cit. p. 371.

<sup>10</sup> Ibidem, p.371.

“sobre o simbólico incluído no real a partir do simbólico incluído no imaginário”<sup>11</sup>. O analista opera com seu ato como também com sua interpretação, tendo essa bússola como ponto de apoio.

Na “Proposição...”, Lacan deu uma resposta categórica à pergunta *Como começam as análises*: pela transferência. E apresentou o matema do início, seu algoritmo. Entretanto, isso “não garante o trabalho”<sup>12</sup>. É preciso o ato do analista que sancione o consentimento, aquele que abre a margem subjetiva entre o dito e o dizer. A enunciação, o dizer podem ser isolados do enunciado e se demonstram por escapar dele. Abrir a distância entre enunciado e enunciação é crucial nos inícios, e é justamente ali onde opera a interpretação que provoca a localização subjetiva.

Essa “atmosfera interpretativa”<sup>13</sup> no início não é antinômica - como conceito - do ato. Pelo contrário, essa interpretação “é tal” que alcança a condição de ser um ato que se verifica por suas consequências. Assim, ato e interpretação no início não só não são excludentes, como são noções solidárias e, inclusive, complementares.

Certamente, este *ato interpretação* enquanto intervenção analítica “em nenhum caso [...] deve ser teórica, sugestiva,” como afirma Lacan, já que não é feita para ser compreendida, “ela é feita para produzir ondas”<sup>14</sup> ou, como afirma Miller, “para revelar o que o sentido deve ao gozo”<sup>15</sup>. Um forçamento por onde “fazer soar outra coisa que não o sentido.”<sup>16</sup>

### 3- A defesa

A defesa como conceito analítico, mas sobretudo como fenômeno clínico, é talvez a primeira coisa que encontramos no início de uma análise... e da psicanálise. É um modo paradigmático que demonstra a imbricação *moebiana* entre a clínica e a episteme. A defesa no início de uma análise como fenômeno clínico, e no início da psicanálise como conceito analítico.

Em “Estudos sobre a histeria” (1893-1895) Freud apresenta seus primeiros casos e, simultaneamente, os impasses clínicos a partir dos quais consolidou a prática psicanalítica. O primeiro foi seu método de hipnose: “certo número de doentes não podia ser hipnotizado (...)

---

<sup>11</sup> Miller, J.-A. A “formação” do analista. (2001). *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, nº 37, setembro 2003, pg 27.

<sup>12</sup> Miller, J.-A. *Causa y consentimiento*. (1987-1988). Buenos Aires: Paidós, 2019, p. 46. Tradução livre.

<sup>13</sup> Miller, J.-A. A palavra que fere. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, nº 56-57, julho 2010. pg 68 e 69.

<sup>14</sup> Lacan, J. Entrevista en la Universidad de Yale, 24 de noviembre de 1975. Tradução livre.

<sup>15</sup> Miller, J.-A. A palavra que fere. (2009). *op cit*.pg 70.

<sup>16</sup> Lacan, J. Rumo a um significante novo. (1977). *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, nº 22, p.10.

[eu] devia, então, ou renunciar a tais doentes ou procurar obter essa ampliação de outro modo”<sup>17</sup>. Freud percebe que alguns pacientes, embora quisessem se submeter ao método, não se hipnotizavam, enquanto outros se recusavam diretamente “à tentativa da hipnose”. Ambos os casos, intui Freud, “podiam ser idênticos e significar um não querer”<sup>18</sup>.

Quando, em nosso primeiro encontro, perguntava a meus pacientes se recordavam a primeira ocasião precipitadora do sintoma, alguns respondiam que nada sabiam, outros apresentavam alguma coisa que designavam como uma lembrança obscura (...) eu me tornava insistente, assegurava a todos que o sabiam, que se lembrariam (...) então me tornava ainda mais insistente, ordenava aos doentes que se deitassem e fechassem deliberadamente os olhos (...) *através do meu trabalho psíquico tinha de vencer uma força psíquica que se opunha, no paciente, a que as ideias patogênicas se tornassem conscientes* (...) quando me ocorreu que esta devia ser a mesma força psíquica que havia concorrido para a formação do sintoma histérico <sup>19</sup>.

Dessa “resistência inaugural”<sup>20</sup> que se apresenta rapidamente a Freud em sua clínica, se desprende a ideia de defesa:

Aproximou-se do Eu do paciente uma ideia que se revelou intolerável, que despertou, da parte do Eu, uma força de repulsão cujo propósito era a defesa contra essa ideia intolerável (...) quando eu me empenhava em dirigir a atenção para ele, sentia como *resistência* a mesma força que, na gênese dos sintomas, havia se mostrado como *repulsão*<sup>21</sup>.

Freud explica que esse momento não se esgota facilmente com forçar – *zwang* – o paciente a lembrar-se de algo. Então, Freud inventa um artifício de sugestão a partir da pressão sobre a testa. Posteriormente, por seu próprio efeito de sugestão, rejeita-o e dá início ao método psicanalítico: a associação livre. Diga-me: “O que você viu?” ou ‘O que lhe ocorreu?’”<sup>22</sup>. Esse gesto – com a perspectiva de que a histeria se instala pelo recalque a partir da *força motriz da defesa*<sup>23</sup> – de despistar a defesa, de retirar-lhe a *a*-tensão direta, dá início à Psicanálise.

---

<sup>17</sup> Freud, S. Estudos sobre a histeria. (1893-1895). In:\_\_\_ *Obras Completas*. Volume 2, Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2016, p. 212.

<sup>18</sup> Ibidem. pg. 212.

<sup>19</sup> Ibidem. p. 212-213.

<sup>20</sup> Miller, J.-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. (1998-1999). Buenos Aires: Paidós, 2011, p. 55.

<sup>21</sup> Freud, S. Estudos sobre a histeria, *op. cit.*, p. 213.

<sup>22</sup> Ibidem pg. 214.

<sup>23</sup> Ibidem. pg. 153.

Assim, Freud propõe a histeria de defesa como modelo das outras – a de conversão, a hipnoide, a de retenção – ao afirmar: “não posso reprimir a suspeita de que a histeria hipnoide e a de defesa se encontrem em algum lugar na sua raiz, e que a defesa seja o elemento primário”<sup>24</sup>.

Em um escrito contemporâneo<sup>25</sup> às suas primeiras publicações de casos clínicos, onde Freud aborda as fobias, determinadas representações obsessivas e algumas psicoses alucinatórias, não apenas situa a defesa como primária, mas assinala a importância clínica de perceber a forma assumida por ela. O que interessa não é do que se resiste, ou seja, o seu conteúdo. O importante é escutar “como” alguém se defende dessa representação patogênica da qual se resiste.

Lacan partiu desse ponto para afirmar, no *Seminário I*, que no início “é com o eu do sujeito, com suas limitações, suas defesas, seu caráter, que temos a ver”<sup>26</sup> e diferenciar o estatuto clínico da defesa e da resistência para chegar a dizer no final de seu ensino que:

“(…) O inconsciente é que, em suma, fala-se sozinho, se é que há falasser... Falamos sozinhos porque só se diz uma única e mesma coisa, exceto se nos abrimos para dialogar com um psicanalista. Não há meio de fazer outra coisa que receber de um analista o que perturba nossa própria defesa (...)”<sup>27</sup>

#### **4- Perturbar, desordenar, desmontar...**

J.-A. Miller observou que a interpretação varia com o passar do tempo e colocou a pergunta sobre qual seria a interpretação contemporânea possível. Assim, à dimensão poética da mesma, apresentada por Lacan no *Seminário 24*, acrescenta-se outra dimensão: a perturbação da defesa contra o real sem lei e sem sentido. “Para entrar no século XXI, nossa clínica deverá se concentrar em desmontar a defesa, desordenar a defesa contra o real.”<sup>28</sup>

Qual alcance pode ter essa indicação para os inícios? O valor clínico dessa expressão – perturbar a defesa – ganha força se for colocado em tensão com outra anterior em seu ensino: interpretar o recalque.<sup>29</sup> Recalque e defesa não estão no mesmo nível; enquanto o recalque opera no nível do significante, a defesa o faz no nível da pulsão. Acrescente-se a isso, o aviso

---

<sup>24</sup> Ibidem, pg. 225.

<sup>25</sup> Freud, S. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

<sup>26</sup> Lacan, J. *O seminário*, livro 1: *Os escritos técnicos de Freud*. (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986, p. 77. Lição de 17/02/54.

<sup>27</sup> Lacan, J. *Le Séminaire*, livre 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Lição 4 de 11/01/1977. Texto inédito, tradução livre

<sup>28</sup> Miller, J.-A. O real no século XXI: apresentação do tema do IX Congresso da AMP. (2012). In: *ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. Scilicet: um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 31.

<sup>29</sup> Castanet, H. Déranger la défense. disponível em: <https://journées.causefreudienne.org/deranger-la-defense-2/>

prévio de Lacan sobre *não interpretar a defesa*. Tal ação apenas conduziria à transferência negativa. Perturbar a defesa não é interpretar, mas apontar para o ininterpretável: o real. Seria também desmontar o arranjo mais íntimo do sujeito para possibilitar uma montagem nova<sup>30</sup>. Lemos aqui “que o real é (...) o maior cúmplice da pulsão”<sup>31</sup>, e que também não se interpreta. Um dizer se destacou nas primeiras entrevistas de um tratamento: “eu sempre fui o príncipezinho encantador”, cifra da fantasia que revelou uma posição. Sublinhar o significante *encantador* e ressaltar o que ele não chega a encantar, bastou para abrir a brecha entre o dito e o dizer, apontando à defesa operada sobre o real de um trauma.

Interpretar significantes recalcados pressupõe o inconsciente estruturado como uma linguagem: o Outro como discurso é um requisito prévio. Essa clínica tem um limite hoje: o Nome do Pai. No início, então, *ato, interpretação e perturbação da defesa* tramam-se na docilidade da operação analítica frente ao desafio das consultas atuais, para que o início seja um atravessamento, uma abertura a um espaço inédito e, assim, uma oportunidade.

Tradução: Josefina Elias

Revisão: Renata Martinez (Tradução)

Revisão: Luis Francisco Camargo e Daniela Araújo

## Bibliografia

Brodsky, G. *Short Story, os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2004.

Barthes, Roland. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.

Castanet, H. Déranger la défense. disponível em: <https://journees.causefreudienne.org/deranger-la-defense-2/>

Freud, S. Estudos sobre a histeria. (1893-1895). In: \_\_\_ *Obras Completas*. Volume 2, Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2016.

Freud, S. Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). In: \_\_\_ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Guéguen, P-G. Defesa (desmontar a). In: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. *Scilicet: um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

---

<sup>30</sup> Guéguen, P-G. Defesa (desmontar a). In: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. *Scilicet: um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 101-103.

<sup>31</sup> Lacan, J. *O seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986, p.71. Lição de 19/02/64

Gueguen, P.-G., “Acto analítico”, *Scilicet, Las psicosis ordinarias y las otras. Bajo transferencia*, Buenos Aires, Grama, 2018.

Lacan, J. Intervenção sobre a transferência. (1951). In: \_\_\_*Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998, pg. 218.

Lacan, J. *O seminário*, livro 1: *Os escritos técnicos de Freud*. (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986.

Lacan, J. *O seminário*, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986.

Lacan, J. *O Seminário*, livro 15: *O ato psicanalítico*. (1967-1968). Inédito.

Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967). In: \_\_\_*Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2012.

Lacan, J. O ato psicanalítico. Resumo do Seminário do 1967-1968. (1969). In:\_\_\_*Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

Lacan, J. Conferencias en las universidades norte-americanas. (1975). (2da.parte), *Revista Lacaniana*, N°21, 2016.

Lacan, J. *Le Séminaire*, livre 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Inédito.

Lacan, J. Rumo a um significante novo. (1977). *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n° 22.

Miller, J.-A. *Causa y consentimiento*. (1987-1988). Buenos Aires: Paidós, 2019.

Miller, J.-A. *Lacan Elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Miller, J.-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. (1998-1999). Buenos Aires: Paidós, 2011.

Miller, J.-A. A “formação” do analista. (2001). *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n° 37, setembro 2003.

Miller, J.-A. A palavra que fere. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n° 56-57, julho 2010.

Miller, J.-A., “Una dirección para la escucha analítica” (30 de marzo de 2011), *El Uno solo, Revista Freudiana*, n° 79.

Miller, J.-A. O real no século XXI: apresentação do tema do IX Congresso da AMP. (2012). In: *ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. Scilicet: um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.



Ordóñez, P., “El extraño caso del acto analítico”, Revista Lapsó, N° 6, Agosto 2021, disponible en: <http://matpsil.com/revista-lapso/portfolio-items/ordonez-el-extrano-caso-del-acto-analitico/>